

Reconhecendo os termos dos saberes das Parteiras Tradicionais brasileiras: reflexões iniciais para uma abordagem cultural da Terminologia

Term recognition of the knowledge of Brazilian Traditional Midwives: initial reflections for a cultural approach to Terminology

Manuela Arcos* 

Cleci Bevilacqua** 

Sandra Dias Loguercio*** 

RESUMO: Esta pesquisa insere-se sob o enfoque dos estudos da Terminologia Cultural. O objetivo central do trabalho é oferecer as bases teórico-metodológicas para um estudo cujo objetivo principal é o reconhecimento de termos na linguagem empregada pelas Parteiras Tradicionais brasileiras (PT) na representação de seus saberes, sendo essa linguagem pautada na oralidade. Para tanto, foi compilado um *corpus* textual composto de textos acadêmicos acerca do tema das PT, que também se pautam nas transcrições de entrevistas feitas a essas mulheres. Em seguida, foi realizada uma primeira testagem de extração terminológica, a fim de identificar de que forma esses saberes são representados e definidos. Nessa etapa, identificaram-se termos simples, sintagmáticos e fraseologias que representam fazeres especializados do ofício das parteiras. Finalmente, apresentaram-se como principais conclusões a constatação da necessidade

ABSTRACT: This research focuses on the studies of Cultural Terminology. The main objective of the work is to provide the theoretical and methodological bases for a study which main objective is recognize terms in the language used by Brazilian Traditional Midwives (BTM), whose language is based, overall, on orality, and the representation of their knowledge through this language. For this purpose, we compiled a textual corpus of academic texts on the topic of BTM, which are also based on the transcripts of interviews made with these women. Then, we carried out a first terminological extraction test in order to identify how this knowledge is represented and defined. At this stage we were able to identify simple and syntagmatic terms and phraseologies that represent the specialized tasks of midwives. Finally, the main points established were the need to establish bases regarding the constitution of the

* Doutoranda. PPG-Let/UFRGS. Professora temporária no Instituto de Letras (UFRGS). arcosmanuela@gmail.com

** Doutora. Professora do PPG-Let/UFRGS. cleci.bevilacqua@gmail.com

*** Doutora. Professora do PPG-Let/UFRGS e do Instituto de Letras (UFRGS). sdloguercio@gmail.com

de estabelecer bases quanto à constituição do registro de linguagem do *corpus* (oral e escrito), considerando a possibilidade de criar *corpora* que se complementam, bem como a necessidade de se problematizar noções como a de comunidade de fala e comunidade discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural Imaterial. Parteiras Tradicionais. Terminologia Cultural. *Corpus* especializado. Extração terminológica.

language record of the corpus (oral and written), considering the possibility of creating bodies that complement each other, as well as the need to problematize notions such as of speech community and discursive community.

KEYWORDS: Intangible Cultural Heritage. Brazilian Traditional Midwives. Cultural Terminology. Specialized *Corpus*. Terminology extraction.

1 Introdução

Este estudo faz parte de um trabalho de pesquisa maior desenvolvido pelo grupo de pesquisa Termisul (UFRGS)¹, vinculado ao projeto intitulado “A terminologia do Patrimônio Cultural Imaterial”. O objetivo geral da pesquisa realizada pelo grupo é identificar e representar, em uma base de dados terminológica *on-line* e multilíngue, os termos e fraseologias da área do Patrimônio Cultural Imaterial em língua portuguesa do Brasil, registrando seus equivalentes ou perífrases explicativas em cinco línguas estrangeiras (espanhol, francês, inglês, italiano e russo).

Sob esse projeto maior, situamos o presente estudo² cujo objetivo geral visa à identificação, extração e seleção da terminologia referente aos saberes das Parteiras Tradicionais brasileiras (PT). O propósito desta discussão é, então, apresentar reflexões, ainda que iniciais, sobre aspectos teórico-metodológicos a serem assumidos para o reconhecimento da terminologia que representa tais saberes.

Tendo em vista que o objeto deste estudo são as unidades terminológicas que veiculam as noções e conceitos que representam os saberes pertencentes aos sujeitos de um grupo socioprofissional e cultural específico, neste caso, as PT, situamos nosso

¹ www.ufrgs.br/termisul. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Pesquisa de Doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação da Prof^a Dr^a Cleci Bevilacqua e coorientação da Prof^a Sandra Dias Loguercio, com apoio financeiro de bolsa CNPq.

trabalho sob uma perspectiva teórica cultural da Terminologia (cf. DIKI-KIDIRI, 1999, 2009; LARA, 1999; OLIVEIRA, 2000, 2009).

Nas seções seguintes, será apresentada uma breve contextualização do tema referente aos bens culturais imateriais, seguida de algumas informações sobre o ofício das PT. Em seguida, serão introduzidas noções sobre um enfoque cultural da terminologia, a fim de pautar a fundamentação teórica na qual enquadraremos este estudo. Na metodologia, serão expostos os critérios de compilação do *corpus* das PT, a fim de propor uma testagem inicial de extração terminológica. O objetivo dessa testagem será avaliar os critérios mais adequados a serem seguidos para um estudo cujo objetivo principal é recolher terminologias de saberes compartilhados e perpetuados, sobretudo, na tradição oral. Finalmente, encerra-se a discussão com algumas considerações finais acerca de avanços e desafios futuros na delimitação do *corpus* textual e na identificação, extração e descrição desses termos.

2 Contextualização: bens culturais imateriais e o ofício das Parteiras Tradicionais

No ano de 2003, teve lugar em Paris a Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO, acordo que estabeleceu as bases para reforçar a necessidade de conscientização das gerações mais novas sobre a importância da salvaguarda desse tipo de patrimônio. A Unesco entende como patrimônio cultural imaterial

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu patrimônio cultural. (UNESCO, 2003, p. 3)

O patrimônio cultural imaterial manifesta-se, então, nos seguintes domínios: tradições e expressões orais (incluindo a língua como vetor do patrimônio cultural

imaterial); artes do espetáculo; práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo; técnicas artesanais tradicionais. (UNESCO, 2003, p. 4). A noção de “salvaguarda”, segundo a UNESCO, deve ser entendida como medidas que objetivam assegurar a viabilidade do patrimônio cultural imaterial através da sua identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização, revitalização e transmissão por meio da educação formal e não formal.

No contexto brasileiro, o artigo 216 da Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) define os bens de natureza material e imaterial que constituem patrimônio cultural como aqueles bens que são portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, tomados individualmente ou em conjunto. Da mesma forma, a Constituição prevê o *reconhecimento* dos bens culturais imateriais como patrimônio a ser preservado por meio da atuação do poder público com a colaboração da comunidade, de modo a promover e proteger o Patrimônio Cultural Brasileiro, seja por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, ou outras formas de acautelamento.

Em 4 de agosto de 2000, o governo brasileiro promulgou o Decreto nº 3.551 (BRASIL, 2000), que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, criando o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), executado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o órgão responsável, no Brasil, pelas políticas de salvaguarda do patrimônio cultural. Tendo em vista a Convenção da UNESCO de 2003 e o artigo 216 da Constituição Federal, em 18 de maio de 2016, o IPHAN lançou a portaria nº 200, que dispõe sobre a regulamentação do PNPI, apresentando como principais objetivos a implementação de políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial e a contribuição para sua preservação, bem como a promoção e valorização do patrimônio imaterial através do incentivo e apoio às iniciativas de salvaguarda desenvolvidas pela sociedade civil (IPHAN 2016, p. 24).

Os bens imateriais considerados como passíveis de serem inseridos no Livro de Registro do IPHAN – inventário dos bens culturais – são aqueles que “detêm continuidade histórica e que possuem relevância para a memória nacional e que fazem parte das referências culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira”³.

No processo de inventariar bens imateriais de diferentes naturezas, o IPHAN passou a identificá-los classificando-os em quatro diferentes tipos:

- as **celebrações** (p. ex., o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, PA);
- as **formas de expressão** (p. ex., Samba de Roda do Recôncavo Baiano, BA);
- os **lugares** (p. ex., Tava, lugar de referência para o Povo Guarani, RS);
- os **saberes** (p.ex., Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, ES).

Muitas dessas celebrações, formas de expressão, lugares e saberes que fazem parte da cultura do Brasil encontram-se ainda em processo de reconhecimento para passarem, então, a fazer parte do Livro de Registro de bens culturais do IPHAN⁴. Esse é o caso do Ofício das Parteiras Tradicionais, que desde 12 de dezembro de 2011 encontra-se em processo de inventariação, a fim de ser reconhecido como patrimônio imaterial da cultura brasileira⁵.

As PT são mulheres que atuam em comunidades rurais ou em bairros periféricos dos centros urbanos. Chamadas, entre outros termos, de “mães de umbigo”, seu ofício consiste em atender parturientes em diferentes fases da gestação – gravidez, parto, pós-parto, cuidados com o nenê recém-nascido, ajuda ao aleitamento. Na assistência ao parto, as parteiras articulam uma série de técnicas e procedimentos adquiridos durante suas vivências e práticas cotidianas. Ou seja, seus saberes constituem-se, por vezes, a partir da experiência de seu próprio corpo e parto,

³ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/606>

⁴Ver Bens Imateriais em Processo de Instrução para Registro, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/426>.

⁵ O processo, que tramita junto ao IPHAN desde 12/12/2011, de nº 01450.015622/2011-68, busca o reconhecimento dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil, e tem como proponentes o Grupo Curumim, o Instituto Nômades, a Associação das Parteiras Tradicionais e Hospitalares de Jaboaão dos Guararapes e a Associação das Parteiras Tradicionais de Caruaru.

ou do parto de mulheres da sua rede de parentesco ou vizinhança (SCHEWICKARDT *et al.*, 2020, p.17).

De modo geral, os conhecimentos das parteiras são transmitidos oralmente no contexto familiar e nas redes de relações comunitárias. Em seus saberes estão inclusos rezas, orações, palavras, gestos, chás que são usados no contexto do ritual do parto circundado de uma complexidade de situações, sejam elas de ordem estrutural, incluindo as dificuldades de acesso aos lugares onde residem as parturientes, seja com relação às complicações que podem ocorrer durante o parto. (SCHEWICKARDT *et al.*, 2020, p.17)

Assim sendo, alguns elementos devem ser considerados como centrais nos estudos que envolvem esses sujeitos. O primeiro elemento é o caráter compartilhado dos saberes, cuja transmissão se dá sobretudo pela oralidade, passada de geração a geração, e pautam-se na experiência (pessoal ou alheio). Frente à complexidade envolvida na prática do partejar, as PT entendem e associam a importância de seu ofício e a responsabilidade atrelada a ele a um “dom” de Deus, que lhes demanda coragem, solidariedade, paciência e afeto. Esse “dom”, associado ao prestígio e reconhecimento social na comunidade, garante a confiança das parturientes e reforça a importante função social das parteiras.

Ao encontro disso, um segundo elemento central deve ser destacado sobre o ofício das PT: sua função, em grande parte dos casos, semelhante à de agentes de saúde pública. Sob o ponto de vista estratégico da assistência ao parto, as PT acompanham as diferentes fases da gestação, somando a esse acompanhamento atendimentos com técnicas de alívio de dor, indicações sobre alimentação adequada, orientações sobre posições, e outras estratégias de cuidado para garantir que a parturiente tenha tranquilidade e um parto de êxito (SCHEWICKARDT *et al.*, 2020, p.18). Por outro lado, quando constatados partos de risco, que necessitam de atendimento hospitalar, são essas mesmas parteiras que encaminham e acompanham as parturientes até as unidades de saúde. Segundo Schewickardt *et al.* (2020, p. 18),

Em determinadas situações as parteiras realizam partos sozinhas, sem possibilidade de apoio (...). Essa condição exige das parteiras criatividade e calma para tomar decisões céleres quando é necessário resolver situações complicadas para salvar vidas durante o parto, especialmente em casos que não é possível encaminhar a parturiente imediatamente ao hospital ou a outro serviço de saúde. (...) A missão das parteiras assume a responsabilidade que as afetam de maneira profunda diante dos cuidados com a saúde materna e neonatal, especialmente em comunidades rurais e ribeirinhas.

A forte atuação dessas mulheres motivou, entre outros projetos, o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais (PTPT), desenvolvido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que, muito embora a maioria dos partos hoje em dia seja realizada em ambiente hospitalar, nas zonas rurais, ribeirinhas e de difícil acesso – regiões onde não há hospitais e tampouco equipe médica instalada no local –, são as PT que prestam assistência às parturientes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p. 14).

Apesar da alta subnotificação, segundo um estudo realizado por Nascimento *et al.* (2009), estima-se que existam, ainda, 60 mil PT no Brasil, responsáveis por aproximadamente 450 mil partos por ano, número correspondente a 18% das crianças nascidas em território brasileiro. Dessas 60 mil parteiras, calcula-se que 45 mil delas habitam o Norte e o Nordeste do Brasil, lugares em que menos se realizam partos hospitalares quando em comparação às demais regiões do país. É o caso, por exemplo, do município de Envira, no Amazonas, onde quase 80% dos partos são assistidos por PT, tendo em vista as condições precárias de vida e a dificuldade de acesso a ambientes hospitalares. Esses fatores provavelmente não sejam, porém, os únicos a determinar o atendimento por PT, já que em muitos casos pode haver preferência por partos domiciliares assistidos por elas, considerando que sua prática de real acompanhamento da parturiente antes, durante e pós-parto, tende a ser mais humanizada do que a prática hospitalar habitual.

Nesse contexto de uma forte atuação das PT em diferentes regiões do Brasil, o reconhecimento da importância do ofício dessas mulheres passa, também, pelo

reconhecimento, identificação e registro da linguagem que representa os saberes desenvolvidos e articulados por elas no cuidado às gestantes. Na tarefa de identificar o vocabulário especializado empregado pelas PT, responsável por representar seus saberes, reconhecer as especificidades do contexto discursivo-comunicativo da comunidade das parteiras é fundamental para estabelecer uma metodologia que permita reconhecer esses termos. Por outro lado, também é importante localizar o trabalho dentro de um construto teórico que dialogue com essas especificidades.

Por serem mulheres, em sua maioria, sobretudo em regiões rurais e de difícil acesso, sem escolarização formal, muitas vezes analfabetas, a natureza da transmissão dos saberes do ofício da parteira tem sido, ao longo dos anos – desde muito antes da Medicina moderna – um saber transmitido oralmente, cujo ensino-aprendizado se dá, sobretudo, pela observação e pela prática. As PT possuem um vocabulário peculiar e amplo, com diversas expressões que demonstram saberes e formas tradicionais de compreender fenômenos biológicos e psicológicos das gestantes, parturientes e recém-nascidos (SCHEWICKARDT *et al.*, 2020, p. 128)

Em vista disso, apresentamos a seguir alguns conceitos centrais para a reflexão de uma terminologia de abordagem cultural, que permita sustentar o estudo que se pretende levar a cabo a partir deste trabalho.

3 Terminologia: uma abordagem cultural

A Terminologia é um ramo dos estudos linguísticos, localizada especificamente nos Estudos do Léxico, que tem como objeto de estudo a linguagem que representa os sistemas conceituais de uma ou várias esferas de especialidade (áreas técnicas e científicas). Pensar a Terminologia sob uma perspectiva cultural é, de certa forma, propor um deslocamento da tradição dos estudos terminológicos – seja sob um enfoque comunicativo (CABRÉ, 1999), sociocognitivo (TEMMERMANN, 2004) ou social (GAUDIN, 1993). Não obstante, tal deslocamento não implica uma ruptura com as noções fundamentais desses enfoques. Pelo contrário: a abordagem cultural

apresentará noções comuns a tais teorias, mas deslocará, principalmente, a concepção dos contextos sociodiscursivos, culturais, geográficos e temporais nos quais a linguagem especializada pode ser produzida.

O próprio entendimento de ciência e de conhecimento especializado deve ser deslocado da ordem do conhecimento acadêmico em direção a uma perspectiva mais voltada à cognição e, sobretudo, à cultura⁶. Diki-Kidiri (2009), ao apresentar as bases de um enfoque cultural da Terminologia, coloca a comunidade cultural, considerando sua visão de mundo, sua forma de classificar, organizar, nomear e categorizar aquilo que percebe e concebe no centro da reflexão.

A teoria da terminologia cultural de Marcel Diki-Kidiri apresenta dois principais objetivos: “1) contribuir para o desenvolvimento de uma teoria terminológica que leve em conta a diversidade cultural, salvaguardando as necessidades de identidade das diferentes comunidades humanas, e 2) desenvolver uma metodologia que esteja de acordo com a elaboração, produção e implementação de terminologias para a promoção efetiva das línguas e culturas africanas, entre outras.” (DIKI-KIDIRI, 2009⁷, p. 1, tradução da autora).

Cabe ressaltar, portanto, que o autor se localiza num espaço cultural e geográfico específico que concerne à preocupação de trazer visibilidade às línguas africanas. Isso, porém, não impede que essa preocupação de ordem teórico-metodológica seja transportada a outras línguas, ou, ainda melhor, a outras linguagens, sobretudo àquelas pertencentes a um grupo cultural específico, como é o caso das PT.

Estabelecer uma noção de cultura é importante para uma abordagem teórica desta ordem. Diante disso, Diki-Kidiri a definirá como “o conjunto de experiências

⁶ Segundo Diki-Kidiri, a abordagem cultural da Terminologia propõe, sobretudo, uma contribuição à corrente sociocognitiva de Rita Temmerman (2000) e à socioterminologia de Gaudin (1993).

⁷ O texto referido aqui trata-se de uma tradução para o espanhol publicada em 2009 na revista *Debate Terminológico*, nº 5. O texto original, em francês, foi publicado em 2000 pelo autor na revista *Terminologies Nouvelles*.

vividas, das produções realizadas e dos conhecimentos gerados por uma comunidade humana que vive em um mesmo espaço e em uma mesma época” (2009, p. 2, tradução da autora). Além disso, o autor sustenta que tais conhecimentos e experiências sedimentam-se em “arquivos da memória coletiva” de uma cultura, que representam referências simbólicas compartilhadas pelos membros de uma mesma comunidade, a partir das quais podem se comunicar e se entender.

Esse entendimento é de suma importância para sustentar um estudo como o que se pretende levar a cabo aqui. Trata-se de uma concepção que atravessa o núcleo da engrenagem que movimenta as parteiras enquanto um coletivo de cultura, o qual se fundamenta, sobretudo, nas experiências, nos conhecimentos produzidos em um espaço temporal e na preservação desses saberes por meio de uma memória compartilhada, nesse caso, através da oralidade.

Em um estudo sobre os termos das narrativas populares da Amazônia, a pesquisadora Maria Odaisa Oliveira (2009) apresenta uma abordagem da terminologia cultural partindo da oralidade como meio para o registro, representação e modelagem do conhecimento relativo ao contexto amazônico. Nesse estudo, os termos culturais identificados nas narrativas orais permitiram estabelecer uma estrutura de classificação de acordo com o contexto do universo temático da cultura amazônica.

Com a coleta das narrativas orais populares e a partir da sua transcrição, a autora identificou os termos culturais representativos do universo amazônico, estruturando o seu sistema de classificação pela relação conceitual entre os termos, formando classes ou categorias ligadas hierarquicamente. Para tanto, além da identificação dos termos culturais, o reconhecimento de seus conceitos é fundamental para fixar cada um em suas devidas posições numa possível organização conceitual desse universo cultural.

Contudo, tais procedimentos metodológicos de identificação e organização de termos não representam um paradigma novo no trabalho terminográfico. O diferencial, porém, dessa abordagem é a valorização do aspecto cultural, a partir do

qual se assume a produção e a existência de linguagem especializada (na forma de termos e/ou fraseologias) nas narrativas que carregam os saberes de um grupo cultural específico em um espaço temporal e geográfico determinado.

Por cultura, Oliveira (2009, p. 240) a entende como “uma forma prática de designar o modo de vida dos grupos humanos e suas atividades de vida” e que é transmitida de uma geração a outra pelo meio que for necessário – no caso das narrativas, através de signos e símbolos, mesmo que apenas pela oralidade. Tais signos e símbolos materializam-se nas narrativas que carregam os saberes de uma cultura específica – como no caso da linguagem das PT – na forma de termos.

Podemos dizer ainda que, nesse sentido, a abordagem cultural da Terminologia subentende antes uma *comunidade de fala* (HYMES, 1974) do que uma *comunidade discursiva* (SWALES, 1990): tende a tornar mais aparentes as marcas locais, a coloquialidade e a variação das formas oriundas da negociação oral de sentidos entre os sujeitos de uma mesma comunidade sociolinguística (e não sociorretórica); seus discursos são antes de ordem social do que funcional, ou seja, se originam da socialização e da solidariedade comunicativa entre os sujeitos, e não de objetivos prévios, determinados de antemão, como em comunidades científicas; finalmente, é de natureza “centrípeta”, agregando os membros que dela se aproximam, e não “centrífuga”, que separa, e mesmo exclui, em razão dos objetivos e interesses do grupo.

Vale acrescentar que essa mudança de perspectiva trazida pela Terminologia Cultural leva a rever também a noção de conhecimento ou *saberes*. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2018), as perspectivas interculturais permitem o reconhecimento de sistemas de *saberes plurais* que se apresentam como sistemas alternativos à ciência moderna ou que, juntamente a ela, se articulam em novas configurações de conhecimentos – os quais deveriam, cada vez mais, tornar-se visíveis, enfrentando a neutralização e ocultação que sofreram ao longo dos séculos (SANTOS, 2018, p. 152). Ainda, diz que:

A abertura a uma pluralidade de modos de conhecimento e a novas formas de relacionamento entre estes e a ciência tem sido conduzida com resultados profícuos, especialmente nas áreas mais periféricas do sistema mundial moderno, onde o encontro entre saberes hegemônicos e não hegemônicos é mais desigual e violento. Não por acaso, é nessas áreas que os saberes não hegemônicos e os seus titulares mais necessidade têm de fundar a sua resistência em processos de auto-conhecimento que mobilizam o contexto social, cultural e histórico mais amplo que explica a desigualdade, ao mesmo tempo que gera energias de resistência contra ela. (SANTOS, p. 152-153)

Dessa forma, entendemos que associar os saberes – e, por conseguinte, sua essência social, plural e não-hegemônica – aos estudos terminológicos possa contribuir para ampliar as reflexões sobre a relação intrínseca entre *termo* e *conhecimento* dentro do paradigma da Terminologia.

3.1 A concepção de termo à luz da perspectiva cultural

Conforme já mencionado, o enfoque cultural da terminologia define o termo não em oposição a teorias de base comunicativa e/ou cognitiva, mas de maneira complementar, agregando o eixo cultural como elemento central na sua constituição. O termo, então, é concebido como uma unidade linguística que carrega um saber especializado que pertence a um determinado grupo cultural e que é perpetuado pelas narrativas (escritas ou orais) desse grupo.

Sob a perspectiva das narrativas orais, Oliveira compreende a terminologia cultural como a conexão entre sociedade, cultura e terminologia. Assim, o termo é concebido como responsável por representar o universo no qual o falante está inserido na relação língua/imaginário/realidade. Nessa relação, “as palavras são unidades que medeiam a relação homem-mundo e mostram o saber de um falante para um ouvinte” (OLIVEIRA, 2000, p. 95).

Lara (1999, p. 41) associa o vocabulário especializado e a cultura a partir da noção de que esta última é uma ideia representativa daquilo que é particular, diretamente oposto àquilo que diz respeito à universalidade da ciência e da civilização.

Por isso, uma teoria do termo, sob esta perspectiva, deve estar situada no campo das oposições entre universalidade e particularidade, entre ciência (e tecnologia) e cultura, entre conceito e signo.

O autor denomina essa perspectiva teórica de “teoria da significação”, pois se trata, sobretudo, da forma pela qual os seres humanos concebem o mundo real e do modo pelo qual o experimentam, o definem e tornam comunicáveis as experiências nele vividas. Tal teoria deve situar-se, segundo Lara, entre uma teoria pragmática e cognitiva, posto que deve “considerar o fenômeno da significação a partir do ponto de vista de como se apreende e se experimenta o mundo real para poder comunicá-lo aos demais seres humanos” (LARA, 1999, p. 42, tradução da autora).

Nesse sentido, essa noção busca propor uma série de elementos de caráter biológico e social a partir dos quais qualquer signo linguístico é construído, inclusive o termo especializado. Para o autor, são justamente esses signos – os termos especializados – os responsáveis por dar lugar à dimensão universal do conhecimento humano e a dimensão cultural que o arraiga a uma realidade histórica (LARA, 1999).

A visão de Diki-Kidiri em relação ao termo enquanto signo linguístico vai ao encontro das ideias de Lara. Segundo ele, quando o signo linguístico torna-se um termo, sua produção costuma ser motivada, uma vez que ele se torna um termo para denominar tecnicamente um conceito pensado anteriormente. Assim, o signo linguístico, composto pela bipartite significado-significante, não deixa de sê-lo ao se converter em um termo, apenas assume um terceiro componente: o conceito. Nessa concepção tripla, é possível abordar análises que se centram, sob o ponto de vista do significante, na morfologia, nas regras de formação de palavras etc.; sob o ponto de vista do significado, na polissemia, na metáfora, na metonímia etc., e sob o ponto de vista do conceito, na definição, na representação, na cognição etc. (DIKI-KIDIRI, 1999).

Neste trabalho, acrescentamos o fator cultural ao tripé significado-significante-conceito do signo linguístico enquanto termo. Entendemos que as particularidades

culturais dos grupos aos quais determinados termos pertencem atravessam esses três eixos, modelando os termos e a linguagem especializada por eles empregada.

Uma vez pautada a perspectiva teórica com base na qual pretendemos reconhecer os termos produzidos pelas PT brasileiras, apresentamos alguns exemplos para discutir, ainda que de forma embrionária, esse atravessamento do aspecto cultural na produção e no reconhecimento desses termos. Para tanto, ilustramos os critérios de compilação do *corpus* textual das parteiras e comentaremos algumas de suas particularidades na tarefa de extração terminológica.

4 Metodologia: compilação do *corpus* e testagem de extração terminológica

A metodologia usada para identificação e extração de termos está pautada nos métodos da Linguística de *Corpus*, cuja abordagem propõe o tratamento semiautomático de uma grande quantidade de textos para realizar análises linguísticas através de uma ferramenta computacional. Na tarefa de construir um *corpus* que permita identificar e extrair terminologia, independentemente da área de conhecimento, é importante estabelecer critérios que dialoguem de maneira efetiva com a natureza da linguagem que se pretende analisar.

Conforme já mencionado, os saberes do ofício das PT brasileiras são transmitidos e perpetuados, sobretudo, através da oralidade e da prática. Esse é um dos desafios quando se pretende compilar um *corpus* textual que permita recolher os termos usados por uma comunidade de especialistas como são as parteiras. Isso não significa dizer, porém, que esse não seja um tema abordado e estudado em âmbito acadêmico ou que apareça, em forma de registro escrito, em canais e gêneros próprios da categoria profissional.

À vista disso, inicialmente, foram adotados os seguintes critérios para a seleção de textos escritos:

- ser artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e livros que contenham como palavra-chave o termo “parteiras tradicionais”;

- ser textos publicados em páginas oficiais de associações de parteiras tradicionais (p.ex. Instituto Nômades)⁸;
- ter como palavra-chave o termo “parteiras tradicionais”;
- estar publicados em acervos de universidades, bibliotecas públicas, revistas acadêmicas;
- ser escritos originalmente em língua portuguesa do Brasil.

Para a pesquisa dos textos, foi usada a busca avançada da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTB)⁹. Além disso, também foram usados os acervos digitais das Universidades Federais e Estaduais do Rio Grande do Sul, do Pernambuco, do Ceará e de São Paulo.

A maioria dos textos coletados pertence à área das Ciências Sociais (Antropologia) e da Enfermagem. Além disso, outra característica dos textos sobre pesquisas envolvendo PT é a presença, na sua grande maioria, de relatos das parteiras e entrevistas realizadas com elas. Essa característica mostrou-se de fundamental importância para a constituição do *corpus*, uma vez que é principalmente através da transcrição do relato dessas parteiras que se faz possível identificar a linguagem por elas utilizada, e não somente que terceiros utilizam para falar do ofício delas.

Dessa forma, a constituição atual da linguagem do *corpus* é mista: os textos apresentam uma linguagem científico-acadêmica, porém associada às narrativas dos saberes e práticas das parteiras narradas através das entrevistas realizadas. Esse caráter “híbrido” oral/escrito do *corpus* possibilita identificar os termos empregados pelas próprias parteiras em seus relatos, transcritos pelos autores.

Por outro lado, esse encaminhamento metodológico também trouxe algumas dificuldades. Por exemplo: não há critérios que pautam a transcrição das entrevistas

⁸ Durante a pesquisa, muitas publicações de temas afins à temática das PT surgiram como resultado, como, por exemplo, textos sobre parto humanizado, parto domiciliar, doulas e parteiras urbanas. Esses textos não foram selecionados.

⁹ <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

(muitos autores tentam transcrever a fonética da fala das parteiras, gerando, assim, variações de um mesmo termo, como, por exemplo, “pegar *mininu*” em lugar de “pegar menino”); as transcrições de entrevistas aparecem em meio a retomadas bibliográficas, muitas vezes extensas, que apresentam conceitos teóricos da antropologia ou da área da saúde, e que não refletem o modo como as PT conceitualizam os saberes.

Por isso, a tarefa de limpeza do *corpus* é de extrema importância. Os critérios de limpeza não foram iguais para todos os textos. Os fragmentos daqueles que apresentavam longas retomadas bibliográficas sem referir-se diretamente à temática das PT foram eliminados. Da mesma forma, foram retirados títulos, nomes dos autores, resumos e referências bibliográficas.

Até o presente momento, o *corpus* está composto por um total de 79 textos, dos quais 40 já passaram pelo processo fino de limpeza. Sua extensão é de aproximadamente 2 milhões de palavras (1.966.746 *tokens* e 55.244 *types*). Apresenta, além disso, uma boa representatividade temática, visto que, ao gerar a *wordlist* dos textos pelo *software* AntConc, a palavra gramatical de maior frequência é *parteiras*, com 4.471 ocorrências (totalizando 6.921 ocorrências se somada às da forma singular *parteira*). A segunda palavra gramatical mais frequente é *parto*, com 3.891 ocorrências, seguida de *saúde*, com 2.703 ocorrências e *mulheres*, com 2.632 ocorrências, conforme ilustra a figura 1. Esses resultados reforçam a necessidade e a importância de seguir critérios bem delimitados para a coleta e seleção dos textos.

Figura 1— *Wordlist corpus* PT.

19	como	19	5038	40
20	os	20	5021	40
21	das	21	4925	40
22	parteiras	22	4471	40
23	por	23	4188	40
24	parto	24	3891	40
25	dos	25	3048	40
26	ao	26	2957	40
27	eu	27	2917	36
28	saúde	28	2703	39
29	mulheres	29	2632	40
30	parteira	30	2450	40
31	ela	31	2360	37

Fonte: AntConc.

Para este trabalho, foi realizada uma extração inicial de alguns termos, a fim de ilustrar alguns exemplos tanto dos procedimentos metodológicos adotados até o momento como da terminologia empregada pelas PT. Por isso, os termos apresentados a seguir foram identificados e extraídos a partir dos 40 textos limpos. Esse recorte, que apresenta aproximadamente 680 mil palavras (681.358 *tokens* e 31.700 *types*), foi processado pela ferramenta Sketch Engine (SE). A escolha pelo SE se deu por duas razões: primeiro, porque a ferramenta lematiza automaticamente o *corpus* textual inserido; segundo, porque o SE conta com um *corpus* de referência incluído, o que permite utilizar a ferramenta extratora de *keywords* para filtrar os candidatos a termo.

As figuras 2 e 3 ilustram os primeiros 50 candidatos a termos simples e os 50 primeiros candidatos a termos sintagmáticos, respectivamente, segundo a ferramenta extratora de *keywords*.

Figura 2 — candidatos a termos simples.

Word	Frequency?		Word	Frequency?		Word	Frequency?	
	Focus	Reference		Focus	Reference		Focus	Reference
1 parteiro	6,487	6,452 ...	18 constant	187	6,998 ...	35 halbwegs	55	343 ...
2 partejar	469	114 ...	19 placenta	174	6,683 ...	36 benzedeiro	59	802 ...
3 parturiente	633	3,294 ...	20 puerpério	100	2,061 ...	37 kambeba	50	47 ...
4 parteiras	343	297 ...	21 tefé	104	2,496 ...	38 ptpt	49	11 ...
5 parto	4,611	91,006 ...	22 radl-philipp	65	0 ...	39 puxações	48	13 ...
6 kalunga	179	1,635 ...	23 pré-natal	291	15,940 ...	40 comadre	92	4,194 ...
7 mapuá	133	57 ...	24 breves	76	877 ...	41 mbya	50	317 ...
8 puxação	138	351 ...	25 pós-parto	156	6,841 ...	42 lewkowicz	48	124 ...
9 obstétrico	270	5,240 ...	26 medicalização	79	1,231 ...	43 solimões	104	5,838 ...
10 mazagão	131	855 ...	27 fleischer	74	1,028 ...	44 pankararu	53	875 ...
11 tupinikim	120	574 ...	28 resex	88	2,211 ...	45 chamilco	44	0 ...
12 joanilde	106	3 ...	29 pré-parto	69	798 ...	46 mulhê	44	2 ...
13 alvarães	112	301 ...	30 resguardo	107	3,835 ...	47 dóra	45	290 ...
14 parteira	99	155 ...	31 gestante	662	49,702 ...	48 aptma	42	0 ...
15 parturição	93	184 ...	32 karipuna	58	209 ...	49 umbigo	166	13,712 ...
16 kaingang	104	1,563 ...	33 mauss	63	1,020 ...	50 semus	49	1,013 ...
17 beneficiência	82	481 ...	34 cesáreo	106	4,865 ...			

Fonte: Sketch Engine.

Figura 3 – candidatos a termos sintagmáticos.

Word	Frequency?		Word	Frequency?	
	Focus	Reference		Focus	Reference
1 parteiras tradicionais	845	353 ...	18 saberes tradicionais	52	653 ...
2 parteira tradicional	145	36 ...	19 medicina tradicional	85	3,989 ...
3 trabalho de parto	285	6,451 ...	20 parto hospitalar	46	123 ...
4 benjamin constant	187	4,423 ...	21 dona neuza	46	200 ...
5 diário de campo	96	486 ...	22 município de alvarães	43	14 ...
6 dona joana	87	501 ...	23 sala de parto	53	1,140 ...
7 mulheres indígenas	91	1,297 ...	24 conhecimentos tradicionais	58	1,945 ...
8 saúde indígena	135	4,394 ...	25 mulher indígena	43	284 ...
9 práticas tradicionais	77	1,013 ...	26 entrevista de campo	40	5 ...
10 mulheres parteiras	62	4 ...	27 história oral	62	2,804 ...
11 hospital de benjamin	61	4 ...	28 ala obstétrica	38	6 ...
12 hospital de benjamin constant	60	4 ...	29 corpo feminino	58	2,545 ...
13 práticas de cuidado	60	158 ...	30 sala de pré-parto	37	83 ...
14 rio solimões	73	1,287 ...	31 número de partos	40	523 ...
15 informação verbal	53	232 ...	32 caderno de campo	38	272 ...
16 violência obstétrica	50	3 ...	33 mulheres experientes	36	47 ...
17 ofício de parteira	47	15 ...	34 programa parteiras	35	6 ...

Rows per page: 50 1-50 of 1,000 1 / 20

Fonte: Sketch Engine.

A ferramenta extratora de palavras-chave nos permite identificar alguns candidatos a termos conforme ilustram as imagens. Assim, palavras como *parteira*, *partejar*, *parturiente*, *parto parturição*, *puxação*, *placenta*, *parteiras tradicionais*, *trabalho de parto*, *práticas tradicionais*, *ofício de parteira*, *saberes tradicionais* etc., são potenciais candidatos a termos, uma vez que são itens lexicais que podem ser responsáveis por representar os saberes das PT.

Nesse sentido, a fim de constatar o estatuto terminológico desses candidatos a termos, além de levar em conta o alto índice de frequência e de chavicidade, faz-se necessário analisar os contextos de uso, buscando reconhecer definições ou simplesmente significados especializados, bem como formas “sinonímicas”, reveladoras da diversidade denominativa que normalmente ocorre quando enfocamos comunidades de fala. O quadro 1 apresenta alguns termos selecionados a partir dos

primeiros 50 candidatos a termos (figuras 2 e 3), cujos contextos foram buscados no *corpus*.

Quadro 1 – Termos com seus contextos definitórios e/ou de uso.

Termo	Frequência	Contexto definitório ou contexto de uso
parteira	6487	As parteiras tradicionais ou "mães de umbigo", como são denominadas, atuam em comunidades rurais e também em bairros periféricos dos centros urbanos, atendendo parturientes em diferentes fases da sua gestação (gravidez, parto, pós-parto e cuidados com o recém-nascido).
parturiente	633	Durante o trabalho de parto, a parturiente é estimulada a se movimentar. Além de chás, como o de pimenta do reino, café com manteiga e garapa para estimular as contrações, é mencionado o uso de massagens na gestante, em alguns casos para ajudar a aumentar as dores.
puxação	138	Uma puxação se refere a um tipo de massagem específico feito pelas parteiras ou outros médicos não oficiais que se faz para colocar a criança na posição correta ou colocar algum músculo ou osso no lugar. (corPT_07) A puxação de barriga , nesses casos, tem outra finalidade: acompanhar o crescimento do feto, observar sua posição, posicioná-lo corretamente para nascer. (corPT_06) A puxação é usada nos diversos momentos do ciclo reprodutivo, desde a suspeita de gravidez até a fase pós-parto ou pós-aborto. (corPT_08) "O bobó [que equivale à boca ou ao próprio estômago] também precisa ser checado. O fígado também", explicou D. Didi. Assim, não somente os órgãos reprodutivos, mas alguns órgãos vitais também são massageados. A puxação não serve somente para aliviar dores, mas para localizar e conhecer o interior do corpo. (corPT_08)
resguardo	107	No resguardo são recomendados chás para "limpeza" da mulher. Também é orientado que a mulher se abstenha das relações sexuais e siga uma dieta diferenciada.
umbigo	166	Contudo, em suas falas finais Leila nos revela que ao amarrar o umbigo da criança, lembrou-se de sua mãe e de como ela amarrava o umbigo das crianças quando fazia os partos.

ofício de parteira	47	<p>O ofício de parteira extrapola a prática do parto também nas relações sociais, pois no cotidiano novos laços de compadrio e reciprocidade são estabelecidos: as crianças passam a pedir a bênção da parteira e as mães passam a chamá-la de comadre. (corPT_13)</p> <p>A história de vida das entrevistadas revela que o ofício de parteira foi aprendido pela necessidade, muitas vezes pela própria experiência no ofício, por conta própria. (corPT_18)</p> <p>Como são e como vivem as parteiras Mulheres de meia idade, casadas, assalariadas de renda mínima, autoaprendizes que se iniciaram cedo no ofício de parteira – um ofício sem remuneração, sem horário nem dia certos. (corPT_22)</p> <p>O ofício de parteira também foi herdado pela mãe, e ela em sua sabedoria faz referência a visibilidade dada as parteiras tradicionais atualmente, uma percepção do quanto os saberes tradicionais têm sido reconhecidos. (corPT_02)</p> <p>Essas mulheres, que sobrevivem de outras ocupações, vivenciam a mesma realidade sociocultural das mulheres atendidas e consideram seu ofício de parteira como mais uma de suas atribuições: "pegam menino" por solidariedade ou para suprir uma necessidade da comunidade onde vivem. (corPT_04)</p>
saberes tradicionais	52	<p>Embora não rejeitando os conhecimentos oriundos da medicina moderna, a parteira mantém suas práticas ancoradas nos saberes tradicionais, transmitidos de geração a geração.</p>
mulheres experientes	36	<p>As mulheres experientes, sejam elas chamadas de parteiras ou assistentes, conhecem as práticas xamânicas (rezas e ervas) e as utilizam para solucionar problemas durante a gravidez e o parto. (corPT_01)</p> <p>Essa rede de relações de mulheres experientes extrapola a pertença a aldeias ou etnias e abarca agentes do sistema público de saúde, tanto de forma conflituosa quanto colaborativa. (corPT_06)</p> <p>Um pouco da história da região do baixo rio Oiapoque e do vale do rio Uaçá se faz necessário para explicar a formação dessa rede supraétnica de mulheres experientes em puxar barriga e partejar que, até meados do século XX, foram responsáveis por trazer ao mundo a quase totalidade dessa população. (corPT_06)</p>

dor torta	7	dor torta: forte cólica sentida pela mulher após o parto (corPT_30)
-----------	---	--

Fonte: *corpus* Parteiras Tradicionais e Sketch Engine.

Observa-se que, em função da especificidade discursiva dos textos que compõem o *corpus*, muitos desses termos não apresentam uma definição convencional. Isso possivelmente se deve ao fato de serem textos que apresentam tanto a narrativa das próprias parteiras, por meio das entrevistas, quanto uma linguagem acadêmica e teórica que busca, por um lado, analisar e explicar esses discursos e, por outro, entender seu ofício e sua função. Dessa forma, muitos termos que aparecem na fala das parteiras podem vir seguidos simplesmente por formas sinonímicas, que apontam para um mesmo referente, mas não guardam exatamente o mesmo valor (ex.: parteira, mãe de umbigo, comadre); outros nem sempre são explicados ou definidos por elas, mas pela linguagem acadêmica dos autores dos textos (ex.: puxação, ofício de parteira).

Assim, por meio dos contextos de uso pode ser possível compreender os conteúdos especializados aos quais tais termos se referem dentro da estrutura conceitual da área. Isso possivelmente permitiria, num segundo momento de trabalho, que fossem elaboradas suas definições. Segundo Oliveira (2009, p. 245), quando a definição do termo cultural não for preenchida pelo próprio contexto da narrativa, pode ser necessário recorrer a obras lexicográficas como dicionários, vocabulários terminológicos, repertórios e outros. Nesse caso, entendemos que possam ser úteis para o trabalho entrevistas com as próprias parteiras, uma vez que, sob esta perspectiva terminológica, os sujeitos das culturas podem ser também a fonte das definições.

Além disso, os diferentes termos, apesar de bem definidos em seus contextos de uso, podem apresentar significados variados no discurso, ou seja, polissemia. Esse é o caso do termo *puxação*, que apresenta uma variedade de definições nos contextos em que é usado. Segundo os contextos, a *puxação* é uma massagem que as parteiras realizam seguindo técnicas específicas e cuja função é múltipla: aliviar dores e

desconfortos, modificar o posicionamento do bebê e, inclusive, a identificação de gestação. No entanto, o termo *puxação* também aparece empregado denominar uma massagem com finalidades voltadas não somente para as gestantes, mas também para identificar desconfortos em geral na região da barriga.

A identificação do estatuto terminológico dessas palavras permite que se cheguem a outras estruturas maiores, como as unidades fraseológicas. Por exemplo, o termo *umbigo* costuma aparecer em unidades fraseológicas como *amarrar umbigo*, *cortar umbigo* (expressão de fazeres específicos do ofício das parteiras, que envolvem, por sua vez, técnicas e saberes), bem como outros termos como *rito do umbigo*, *mãe de umbigo* e *filho de umbigo* (referindo-se, respectivamente, aos procedimentos realizados com o umbigo do nenê após o nascimento e à denominação que se dá à parteira e ao nenê a cujo parto ela assistiu).

Voltando ao termo *puxação*, observa-se que ele costuma aparecer junto da palavra *barriga*, formando as unidades fraseológicas *puxar barriga*, *puxação de barriga*. Essas estruturas chamam a atenção, uma vez que a palavra *barriga* não é selecionada pela ferramenta como palavra-chave do *corpus*, apesar de ter uma frequência total de 391 ocorrências. Esse fato está relacionado ao índice de chavidade, pois se trata de uma palavra muito frequente tanto no *corpus* de estudo (das parteiras) quanto no *corpus* de referência, não sendo reconhecida pela ferramenta como um possível termo.

Portanto, é possível que seja necessário pensar em *stoplists*¹⁰ para o *corpus* de referência, de modo que alguns termos que estão neutralizados tendo em vista a alta frequência em ambos os *corpora* sejam recuperados. Além disso, por meio da análise do *corpus*, a palavra *barriga* parece ser produtiva na formação de outros termos que podem representar conceitos específicos, como *barriguda*, *barriguinha* e *barrigona*,

¹⁰ *Stoplists* são listas de palavras que podem ser usadas na identificação e extração terminológica e cuja função é fazer com que essas palavras não sejam reconhecidas pelo *corpus* de referência, fazendo, assim, com que a ferramenta extratora de termos reconheça essa palavra com um alto índice de chavidade.

referindo-se, respectivamente, à gestante e ao período gestacional menos e mais avançado.

Outro aspecto a ser considerado na testagem realizada aqui é a necessidade de uma limpeza mais refinada do *corpus*. As figuras demonstram que o extrator de palavras-chave recupera bastante ruído, como nomes próprios (de autores, de parteiras entrevistadas, de hospitais e de lugares), bem como palavras relativas à realidade indígena – as quais devem ser analisadas com o intuito de constatar se constituem termos relativos à temática do parto tradicional¹¹. Cabe ressaltar, também, que a extração de candidatos a termo presentes nas imagens representa apenas um recorte do *corpus*, de modo que é natural que alguns itens que estão sendo recuperados nessa etapa possam ser neutralizados em uma busca envolvendo todos os textos, bem como seria esperado que outros termos aparecessem nessa etapa de extração.

Finalmente, outra reflexão que surge a partir dessa testagem de extração terminológica refere-se à possibilidade de fragmentar o *corpus* textual, criando *corpora* que se complementam. Tendo em vista as características dos textos que compõem o *corpus* com diferentes registros de linguagem (discurso acadêmico e teórico misturado às narrativas orais), é possível que seja necessário criar um *corpus* de transcrições do discurso oral das PT e um *corpus* com os estudos acadêmicos acerca desses saberes. Dessa forma, o primeiro *corpus*, com a linguagem empregada pelas parteiras, pode funcionar como repertório para a identificação de termos e dos traços culturais a eles atrelados, enquanto o segundo poderia cumprir a função de oferecer definições e complementar as explicações. Esse procedimento, contudo, possivelmente demandaria que mais entrevistas fossem realizadas (ou recolhidas) com essas

¹¹ Ainda será necessário definir se bibliografias que abordam o parto tradicional indígena será mantido no *corpus*. É fato, no entanto, que os saberes das PT são oriundos de uma mistura cultural, principalmente indígena e africana, pelo qual decidiu-se manter tais textos. Possivelmente, para a identificação e organização desses termos, será necessário observar as idiosincrasias dos saberes de quando se fala no universo das parteiras tradicionais e das parteiras tradicionais indígenas.

mulheres, a fim de compilar um *corpus* representativo da linguagem empregada pelas PT.

5 Considerações finais

As reflexões realizadas neste artigo acerca das especificidades que envolvem os saberes das PT e a comunicação desses saberes, bem como a construção de um *corpus* textual sobre o tema e a extração inicial de termos, permitem chegar, ainda que inicialmente, às seguintes conclusões:

- Tendo em vista as idiossincrasias do grupo cultural que as PT compõem, como a natureza oral de seus saberes, o afastamento do espaço acadêmico para seu registro e difusão e o conhecimento pautado, sobretudo, na prática, uma abordagem sob a luz da terminologia cultural parece ser a mais adequada;
- A linguagem empregada pelas PT apresenta uma variedade de potenciais termos representativos dos saberes envolvidos no ofício da parteira, o que reforça a ideia de que os saberes especializados não dependem, unicamente, do contexto acadêmico-científico, outros espaços e práticas sendo igualmente fontes para o conhecimento especializado e fazendo uso de outros expedientes para sua transmissão e preservação, como a oralidade e o acompanhamento das práticas;
- É necessário estabelecer critérios bem definidos de extração e identificação dos termos, sobretudo no que se refere à frequência de unidades e à necessidade de estabelecimento de *stoplists*;
- Também é necessário que se determine se um *corpus* composto por textos de diferentes naturezas de registro, como é o caso do *corpus* atual, composto por linguagem acadêmica e por transcrições dos relatos das parteiras, é adequado para a pesquisa; caso contrário, pode ser necessário estabelecer bases para construir *corpora* que se complementam, como um *corpus* de transcrição do discurso oral e outro *corpus* de linguagem acadêmica.

Observamos, finalmente, que os termos identificados comportam-se de forma semelhante a termos oriundos de linguagens especializadas de áreas de conhecimento pertencentes ao ambiente acadêmico-científico, apresentando polissemia, como vimos com o candidato a termo *puxação*; formações metafóricas (p.ex. *dor torta*, dor sentida após o parto que faz a mulher ficar contorcida), *parto seco* (quando a bolsa estoura antes da mulher entrar em trabalho de parto); constituindo unidades fraseológicas, como *puxar barriga*, *cortar umbigo*, *pegar menino* (ver os contextos do termo *ofício de parteira* no quadro 1); estabelecendo redes de significação, como em *rito de umbigo*, *mãe de umbigo* e *filho de umbigo*, entre outras características. Chamam a atenção, todavia, já nessas primeiras testagens de exploração do *corpus*, as particularidades culturais desses saberes, reveladoras igualmente de valores e identidades da comunidade de fala em questão e, em última análise, da maneira como elas concebem o evento do parto, os sujeitos envolvidos e a relação entre o antes, o durante e o depois desse evento.

Repertoriar os termos que representam os saberes tradicionais das PT – ou sua “sabedoria” (ver quadro 1) –, reconhecendo sua linguagem especializada, parece ser de profunda relevância para o processo que busca reconhecer tais saberes como patrimônio imaterial. Trata-se de contribuir para perpetuar toda uma cultura que se inscreve na área da saúde que tem sido, ao longo de muito tempo, invisibilizada e mesmo minorizada, apesar de sua importância para mulheres e comunidades de diferentes lugares.

Referências

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf

BRASIL. Decreto nº 3551 de 4 de agosto de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm

CABRÉ, M. T. **Terminología**: representación y comunicación. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Instituto Universitario de Linguística Aplicada, 1999. DOI <https://doi.org/10.1075/tlrp.1>

DIKI-KIDIRI, M. Un enfoque cultural de la terminología. **Debate Terminológico**, n° 5, ago. 2009.

GAUDIN, F. Pour une socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: **Publications de l'Université de Rouen**, 1993.

HYMES, D. **Foundations in sociolinguistics**: an ethnographic approach. New Jersey: University of Pennsylvania Press, 1974.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria n° 200, de 18 de maio de 2016**. Dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria_n_200_de_15_de_maio_de_2016.pdf. Acesso em: 11 fev.2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **O registro do Patrimônio Imaterial**. 1ª edição. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimonioImaterial_1Edicao_m.pdf.

LARA, L. F. Término y cultura: hacia una teoría del término. *In*: IULATERM (org.), **Terminología y modelos culturales**. 1ª ed. Barcelona, 1999. p. 39-60.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais**: O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e Experiências Exemplares. 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto_nascimento_domiciliar_parteiras.pdf. Acesso em: 11 fev.2022

NASCIMENTO, K. *et al.* A arte de partejar: experiência de cuidado das parteiras tradicionais de Envira/AM. **Revista de Enfermagem**. Vol. 13, n°2, Abr/Jun, 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200012>

OLIVEIRA, M. O. E. de. Da narrativa oral à representação do conhecimento. *In*: **IX Congresso Isko-España**. Valencia, 11 a 13 de março de 2009.

OLIVEIRA, M. O. E. de. A terminologia cultural no discurso oral popular amazônico. *In: SIMÕES, M. do S. (org.). Memória e comunidade: entre o rio e a floresta.* Belém: UFPA, 2000. p. 93-102.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2018.

SCHEWICKARDT *et al.* **Parteiras Tradicionais:** conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde. 1ª ed. Editora Rede Unida: Porto Alegre, 2020.

SWALES, J. **English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge UP, 1990.

TEMMERMANN, R. Teoria Sociocognitiva da Terminologia. **Cadernos de Tradução,** n.17, p. 31-50, 2004.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.** Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Convencao_Salvaguarda_Patrimonio_Imaterial.pdf.

Artigo recebido em: 24.04.2023

Artigo aprovado em: 19.05.2023